

# RELATOS DA PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE UM CINEMA QUE VIROU BAR

## REPORTS FROM THE PRODUCTION OF A DOCUMENTARY ABOUT A MOVIE THEATER TURNED BAR

*Coletivo 7ª Arte*

Coletivo composto pelos discentes de Prod. Audiovisual 2023-2025 e pelo professor da disciplina Projeto Integrador III<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo narra e discute a produção do documentário Cinebar, realizado pelos alunos do curso de Produção Audiovisual (2023-2025) da FIB - Faculdades Integradas de Bauru. A partir de relatos individuais dos integrantes da equipe, o texto se desdobra numa análise das escolhas criativas e dificuldades de produção, dialogando diretamente com o referencial teórico balizado entre produção e exibição.

**Palavras-chave:** cinema, história, memória, documentário, curta-metragem.

### ABSTRACT

This article reports on and discusses the production of the documentary Cinebar, produced by students of the Audiovisual Production course (2023-2025) at FIB - Faculdades Integradas de Bauru. Based on individual accounts from team members, the text unfolds into an analysis of creative choices and production difficulties, directly dialoguing with the theoretical framework based on production and exhibition.

**Key-words:** cinema, history, memory, documentary, short film.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um relato reflexivo sobre a realização do curta-metragem documental Cinebar, produzido pelos alunos de Produção Audiovisual das Faculdades Integradas de Bauru ao longo do terceiro semestre do curso, no ano de 2024. Tal projeto foi idealizado e orientado na disciplina de Cinema Documentário, obrigatória na grade curricular e minis-

---

<sup>1</sup> Integrantes do coletivo: Giovanna Jordão Batista, Igor Campos Reis da Silva, José Arthur Rodrigues Trigo, Karina Akemi Okino Franco Bueno, Lucas Viana do Prado, Luriê Belo Diniz, Vinicius Marcio-tto dos Reis e pelo Prof. Dr. Álvaro André Zeini Cruz.

trada pelo professor Me. Fernando Ramos Gelonese. Nesse processo, também colaboraram as disciplinas de Edição e Finalização, ministrada pela professora Dr. Liene Nunes Saddi, Desenho de Som, ministrada pelo professor Dr. Rene Lopez, e Projeto Integrador II, ministrada pelo Professor Dr. Álvaro André Zeini Cruz.

O documentário apresenta o espaço e as histórias de um antigo cinema da cidade de Arealva que foi transformado em bar. A ideia foi proposta pela aluna Giovanna Jordão, que mora na referida cidade, sendo aprovada para a realização pelos sete alunos que compõem a turma e a equipe de realização. Partindo da produção finalizada, este artigo se propõe a uma problematização entre filme e realização, apresentando um estudo baseado na revisão bibliográfica utilizada no projeto, na análise fílmica do próprio curta documental, e no mosaico contrastado das experiências empíricas de cada aluno-realizador.

Nesse sentido, o artigo planeja chegar a uma síntese crítica das conceituações e processos considerados bem-sucedidos pelos próprios realizadores, assim como das falhas e frustrações, consolidando uma reflexão sobre a práxis da realização audiovisual a partir deste estudo de caso. As seções que introduzem as características gerais do filme e a análise de dados se colocarão na primeira pessoa do plural, considerando a coletividade deste texto. Entretanto, apesar de inusual à escrita acadêmica, os relatos individuais que compõem a metodologia variam no uso da pessoa verbal, tentando preservar ao máximo o discurso, a subjetividade e a memória da experiência de cada aluno. É a partir da contraposição desses relatos que será feita a análise comparativa entre o filme planejado e o filme realizado.

## 2 RELATOS

### 2.1 GIOVANNA JORDÃO

Como moradora da cidade de Arealva e frequentadora do Cinebar, propus o projeto e meu primeiro desafio foi o de convencer a equipe de que a história do Cinebar era interessante e merecia ser contada. Vi nesse antigo cinema (que virou bar) a oportunidade de relatar uma herança cultural e histórica, importante não só para Arealva, como também para toda a região do interior de São Paulo, mas que passava despercebida pela maioria das pessoas, inclusive aos próprios moradores da cidade.

Percebi certa hesitação da equipe em relação ao tema; talvez porque, à primeira vista, a história do Cinebar possa parecer muito restrita ao local e não chamar tanta atenção, talvez pelo receio de que se tornasse algo raso, não tão interessante, que acabaria pare-

cendo mais uma propaganda gratuita do Cinebar do que qualquer outra coisa. Receios que eu também compartilhava. Então, contei um pouco do que eu conhecia do lugar, desde a época que ainda era o Cine Teatro São João até as famosas festas da espuma e as exhibições de filmes que aconteciam durante a década de 1980. Falei de como o Cinebar está marcado na memória afetiva de muitos arealvenses, o que, apesar de alguma relutância permanecer, convenceu a equipe.

Durante o desenvolvimento do documentário, enfrentamos diversos problemas nas três etapas de produção. A maioria deles principalmente durante as etapas de pré e pós-produção, uma vez que a falta de organização da equipe e a inexperiência numa produção desse porte acarretaram problemas de logística e acabaram exigindo decisões de última hora, nos levando a improvisar ou a trabalhar com o que tínhamos em mãos no momento. Embora o resultado tenha sido até melhor do que esperávamos (diante de tantos problemas), olhando em retrospecto, reconhecemos que são erros que podem — e devem! — ser evitados, principalmente para não causar tensão desnecessária entre membros da equipe e a sensação de que estávamos trabalhando contra o tempo para conseguirmos entregar algo.

Outra ocorrência — embora essa tenha se dado mais por ações externas do que da própria equipe — foi a dependência que tínhamos de alguns personagens, seja em relação às entrevistas ou ao material de arquivo. Podemos citar dois casos em que essa dependência causou problemas durante a produção e a pós: o primeiro foi em relação a uma das entrevistadas, que prometia uma história interessante sobre o lugar. Durante a pesquisa, ela contou ter conhecido o marido no Cinebar e estava disposta a detalhar essa história em depoimento. Com isso, desenvolvemos o roteiro contando com essa entrevista, mas em cima da hora, a entrevistada desistiu, o que nos levou a improvisar, buscando outras formas de preencher aquela lacuna no roteiro. O segundo caso diz respeito ao material de arquivo prometido por uma das entrevistadas, que disse ter uma boa quantidade de fotos e vídeos que poderiam ser usados no documentário, principalmente das festas mais recentes do Cinebar. Porém, quando estávamos já na pós-produção, ela nos comunicou a perda dessas fotos, o que nos fez improvisar novamente. Além disso, alguns personagens pareciam mais promissores na entrega de histórias e causos, mas nas entrevistas, revelaram-se mais introspectivos e sucintos do que imaginávamos. Por outro lado, muitos outros personagens apareceram por acaso e nos renderam bons conteúdos para o documentário, como no caso do Paulo e do Adalberto.

Foi só durante a produção efetiva, quando nos deparamos com os relatos — muitos dos quais nem eu mesma conhecia —, que finalmente percebemos a real importância do que tínhamos em mãos e a quase urgência que aquilo tinha de ser relatado. Agora, olhando o filme como está, podemos dizer que o documentário Cinebar foi um projeto que,

apesar de todas as dificuldades e discussões, serviu como um grande aprendizado para a maioria de nós, já que não havíamos produzido ainda um curta-metragem com tantas demandas de pesquisa e produção.

## 2.2 IGOR CAMPOS REIS DA SILVA

Durante o último semestre, uma das disciplinas exigiu que produzíssemos um curta documental. O tema era livre e foi decidido em uma votação com toda a sala, que após algumas discussões chegou finalmente a um consenso: a história de um bar em Arealva que funcionou como cinema durante as décadas de 1930 e 1940. Um dos primeiros da região, com grande importância cultural, apesar desta muitas vezes, ser esquecida. Achei a escolha interessante principalmente para podermos trazer essa história de volta à luz e a apresentar a novas pessoas que não a conheciam.

Durante a produção, todas as funções haviam sido previamente separadas para evitar qualquer conflito, mas não foi exatamente assim que aconteceu. O papel de diretor de fotografia foi designado a mim, mas por várias vezes, outras pessoas da produção sobrepueram ou interferiram em minha função. Isso sem contar diversos outros problemas em relação ao som e aos horários, o que gerou frustração e conflitos entre toda a equipe. Enquanto uns pareciam querer fazer tudo, assumindo responsabilidades de outras pessoas da equipe, outros, por outro lado, não efetivaram suas funções iniciais. Felizmente, no final, tudo acabou se resolvendo.

Durante a pós, acredito que os dois maiores problemas que tivemos foram a falta de arquivo pessoal dos entrevistados, principalmente por um dos entrevistados — aquele que tinha mais histórias para contar — não querer ter sua imagem gravada, o que nos levou a improvisar, buscando imagens da internet e imagens de captura para preencher essa lacuna. O outro problema foi em relação ao áudio de algumas entrevistas que, seja por erro nosso ou algum problema no equipamento, acabou ficando estourado e com um chiado em alguns momentos; isso também nos rendeu um bom trabalho, mas conseguimos arrumar tudo na etapa de tratamento do som.

Outro problema — que assumo como uma falta de atenção minha — foi em relação à entrevista dos irmãos, sócios e donos do Cinebar, uma vez que o enquadramento ficou muito baixo e a imagem, por conta do excesso de luz, um tanto estourada. Mais uma vez, melhoramos o resultado na pós.

No mais, acredito que esse projeto foi ótimo, profissionalmente falando. Foi a primeira vez que me vi realmente em uma produção e consegui conhecer mais sobre cada um dos processos que envolvem a criação de uma obra audiovisual. Aprendi também a me impor mais e me fazer ser ouvido no set de gravação para poder ter minha voz ou-

vida, para que situações como as citadas acima não voltem a acontecer. Além disso, foi muito bom conhecer a história do Cinebar e todas as pessoas envolvidas, podendo trazer e apresentar essa história para mais pessoas.

### 2.3 JOSÉ ARTHUR RODRIGUES TRIGO

Durante a execução do documentário Cinebar, nosso grupo se deparou com dificuldades que poderiam ter sido bem enfrentadas se tivéssemos planejado o projeto mais rigorosamente. Uma dessas dificuldades foi a resolução de problemas no decorrer da produção. Foram vários os imprevistos: equipamentos sem bateria, má qualidade na captação de som, problemas nos enquadramentos, transporte insuficiente, locações com luz e espaço restritos, e problemas como a falta de disponibilidade e nervosismo dos entrevistados diante das câmeras.

Entretanto, todos esses problemas poderiam ter sido bem administrados se tivéssemos delegado melhor as funções de cada integrante do grupo, o que teria evitado o acúmulo de papéis e tornado mais eficiente o trabalho de cada um. Com funções delimitadas, os responsáveis por cada uma delas poderiam se concentrar em suas atividades, seguros de que os outros integrantes estariam cuidando de seus deveres. Agora, observando melhor (e com distanciamento) as adversidades, percebo, por exemplo, que a captação de som é um importante processo audiovisual; a má qualidade sonora é um dos pontos que podem separar um produto excelente de um produto ruim.

Sendo assim, a melhor forma de garantir uma captação apropriada é se precaver com testes de equipamentos (microfones e gravadores) antes das entrevistas; esse tipo de cuidado evita problemas ocasionais em set e possibilita adequar as configurações desses dispositivos para determinados ambientes. Da mesma maneira, as câmeras também requerem planejamento para que seja possível desfrutarmos de toda sua capacidade. Nesse sentido, são indispensáveis o reconhecimento e os testes nas locações: é a partir dessas visitas que se pode estudar as entradas e possibilidades de luz, o tamanho do espaço, o enquadramento propício à decupagem, ou seja, informações que são necessárias e devem ser analisadas com antecedência, tornando mais eficiente o dia da gravação. Destacamos esse aspecto porque toca em uma das adversidades enfrentadas: a impossibilidade de acesso prévio às locações, ocorrência dada pela falta de planejamento e delegação de funções, mas também pela grande dificuldade em acordar as datas entre a agenda da equipe e a dos entrevistados.

Dificuldades de comprometimento, inflexibilidade e comunicação também ocorreram ao longo da realização, ocasionando um desequilíbrio de tarefas entre a equipe. Isso resultou em sobrecarga e estresse, prejudicando o andamento do set, uma vez que, com

processos negligenciados, problemas precisaram ser resolvidos de última hora. Igualmente, a falta de comunicação — tanto por dificuldade genuína quanto por desinteresse — atrasou o cronograma estabelecido e tornou as prioridades do projeto indefinidas, assim como atrapalhou a atribuição de funções entre o grupo. A falta de delimitação dos trabalhos prejudicou também o debate de algumas decisões narrativas e estilísticas do filme.

Concluimos, portanto, que o ideal em uma produção audiovisual em equipe é haver diálogo e respeito mútuos e perenes entre os integrantes, o engajamento e responsabilidade de todos, a divisão justa e equânime de funções, além de um planejamento minucioso e detalhado do projeto, garantindo uma produção mentalmente salubre e com uma jornada menos atravancada.

#### 2.4 KARINA AKEMI OKINO FRANCO BUENO

Durante todo o processo de produção do documentário Cinebar, enfrentamos uma série de desafios, entre eles problemas com a organização das funções de cada membro do grupo. Na pré-produção, havíamos decidido mais ou menos as funções do grupo, mas no decorrer do processo acabamos não efetivando essa divisão. A falta de organização clara das atribuições de cada membro acabou flexibilizando demais as responsabilidades, afetando a produtividade, a priorização de tarefas e as contribuições individuais da equipe. Analisando agora, seria melhor se tivéssemos respeitado a divisão inicial, mantendo funções claras para todos os membros da equipe, de forma que não sobrecarregasse ninguém.

Também tivemos dificuldades na configuração dos equipamentos de captação sonora e com o próprio andamento do set, uma vez que as gravações poderiam ter sido feitas com mais calma e organização, considerando com mais atenção o ambiente ao redor, a direção de arte e o enquadramento da câmera. Tivemos dificuldades, principalmente, com os equipamentos de captação de áudio, não apenas na parte técnica, mas também na função em si: o que originalmente era responsabilidade para duas pessoas acabou variando conforme as necessidades de cada diária de gravação.

A falta de preparação pode ser exemplificada pela ocorrência com Nelson e Adalberto, pois esquecemos de carregar as baterias da câmera principal e da lapela, o que gerou atraso na gravação. Para piorar, não percebemos que o enquadramento da câmera estava muito abaixo da linha do olhar dos entrevistados e com muita luminosidade ao fundo do entrevistado, gerando uma composição problemática e com uma luz estourada. Na entrevista com Cyborg, antigo projetorista do Cinebar, não consideramos o ambiente pequeno, com pouco recuo à câmera, problema gerado pela impossibilidade de visita

à locação na pré. Nessa circunstância, escolhemos gravar em uma sala que tivesse boa entrada de luz, mas enfrentamos empecilhos como uma mesa gigante, que ocupava boa parte da sala e nos levou a deixar o boom em uma posição que prejudicou a captação de áudio (acarretando necessidade de correção na pós-produção). Ainda sobre a casa de Cyborg, não tivemos muito cuidado com a direção de arte, deixando escapar elementos que desequilibraram a composição do cenário.

Na etapa de pós-produção, a edição até que teve um bom início, porém percebemos que as imagens de cobertura não seriam suficientes e que nos faltavam, inclusive, imagens do próprio Cinebar. Essas imagens de cobertura eram muito importantes para o nosso documentário e demoramos para consegui-las devido a contratempos. Quando conseguimos algumas imagens, o tempo já estava curto, o que resultou num fechamento de corte apressado.

## 2.5 LUCAS VIANA DO PRADO

Ordem do dia: uma boa organização e planejamento são muito importantes para o bom andamento da equipe, e é para isso que existe o documento chamado “Ordem do Dia”. Recentemente, produzimos um documentário chamado Cinebar e enfrentamos várias dificuldades pelo caminho. A falta de um cronograma bem elaborado pode prejudicar o andamento de uma produção, algo que aconteceu conosco. Claro que é válido mencionar que imprevistos podem acontecer, mas com a diária de gravações organizada, é mais fácil remanejar planos e horários. Assim que estabelecido um cronograma para cada função, o responsável pelo seu cargo tem a responsabilidade de estar presente. O descomprometimento e a falta de aviso antecipado podem acarretar inúmeras dificuldades para a equipe concretizar as tarefas.

Nossa equipe, que não tinha experiência em uma produção desde tamanho, teve uma boa organização do que seria filmado em cada momento. Ainda assim, imprevistos aconteceram, como entrevistados desmarcando as filmagens (até mesmo alguns que haviam garantido a participação e, mais tarde, furaram com a equipe).

Problemas na captação de som: bem antes de irmos para as gravações de fato, tivemos uma breve apresentação dos equipamentos em sala de aula, mostrando em detalhes o que cada equipamento poderia fazer de especial. Mas no dia da filmagem, pela falta de experiência, tivemos dificuldade em executar com qualidade. Tivemos problemas com a bateria dos equipamentos, que no meio das filmagens estavam quase descarregadas por completo, além de problemas na captação de áudio. A verdade é que a prática é bem diferente da teoria. Nesse sentido, o que acabou nos ajudando foram os softwares de pós-produção, que podem melhorar muito a qualidade do som.

Falta de funções: Embora possibilite a equipe experimentar outros trabalhos no set, a opção de não estabelecer uma função para cada integrante da equipe prejudica um maior aproveitamento de cada pessoa, uma vez que dificulta que cada um permaneça focado em uma tarefa específica. No dia da filmagem, pelo nervosismo da equipe, cada integrante ajudou e fez um pouco de tudo. Assim, de uma forma geral, foi um trabalho feito em coletivo e com funções compartilhadas. Tivemos uma pequena desordem nas execuções dos equipamentos, mas logo fomos nos acostumando com os equipamentos e conseguimos executar o trabalho.

Personagens que não rendem: Tivemos alguns problemas com os entrevistados que, no dia da gravação, contaram histórias não tão interessantes ao documentário. Outro ponto é que, por ser um curta, nem tudo pode ser aproveitado. O corte final de um curta documental precisa ser bem criterioso com os trechos de entrevistas que devem permanecer.

## 2.6 LURIÊ BELO DINIZ

No processo de execução do projeto do documentário, encontramos diversos desafios, sendo o primeiro deles, ainda na pré-produção, a dificuldade de entender o que gostaríamos de abordar dentro da temática Cinebar e o desconhecimento das histórias do local e da cidade. Havíamos elaborado uma série de perguntas para pré-entrevista, mas também não obtivemos resultados satisfatórios nas respostas dos entrevistados. Tudo isso resultou, durante a edição do material, num esforço extra para entender o que havíamos coletado e como tudo se encaixava em uma narrativa.

Outro ponto de dificuldade foi a não atribuição de uma função específica para cada pessoa no projeto, forçando alguns do grupo a assumir múltiplas funções enquanto outros nem tanto, salvo o trabalho em conjunto na edição do documentário. Esse fato gerou até mesmo discordâncias criativas entre os membros, por não ter a pessoa certa para cada decisão final que precisava ser tomada.

O despreparo técnico da equipe foi também um fator que dificultou a realização do projeto. Pouca experiência com câmera, luz, tripé e equipamentos de som causaram nervosismo geral, principalmente por estarmos em um momento de pressão, lidando além de tudo isso, com entrevistados reais.

A organização das diárias de gravação foi um grande desafio para nós. O fato de o objeto do documentário ser um local sem possibilidade de alternativas a não ser a de gravar nessa cidade específica, Arealva, e só uma pessoa do grupo ter um carro para chegar até lá, por exemplo, gera por si só uma logística desafiadora. A dificuldade de conciliar

as agendas da equipe, do estabelecimento Cinebar e dos entrevistados foi, com certeza, o maior desafio dentro de todo o processo.

Outro ponto muito importante, sentido na edição, foi a dificuldade de ilustrar o que estava sendo dito nas entrevistas: os depoimentos estavam muito abstratos por se tratarem muitas vezes de histórias pessoais dos entrevistados e não havia documento em foto, por exemplo, para ilustrar para o espectador. Um dos entrevistados não autorizou ter sua imagem captada, justamente o que deu as informações mais importantes para a construção do personagem Cinebar no documentário. Por isso, suas falas eram difíceis de ilustrar e obrigatoriamente precisavam ser cobertas por outras imagens, pela falta da presença física da pessoa que falava.

Apesar de todas as dificuldades, noites mal dormidas e incontáveis horas editando o produto final, o documentário conseguiu superar nossas expectativas de forma geral e conseguimos criar uma narrativa coerente e leve de ser assistida, que era o nosso maior desejo desde as primeiras conversas sobre esse trabalho. Posso concluir que, no pouco tempo de estreia, Cinebar já me serve de grande aprendizado para projetos futuros.

## 2.7 VINICIUS MARCIOTTO DOS REIS

A experiência de produzir pela primeira vez um curta documental apresentou diferentes situações que demandaram criatividade e resiliência na resolução de problemas imprevisíveis para um grupo inexperiente. Nossa pré-produção foi desorganizada, nossa “Ordem do Dia” não foi pensada de forma que compreendesse todas as nossas necessidades, fosse de tempo ou de clareza na sequência das tarefas. Lidamos com a imprevisibilidade dos entrevistados que, em parte, cancelaram, em parte não cumpriram com o horário combinado, além de problemas mais sérios, como a falta de bateria para os equipamentos ou o desconhecimento dos locais onde as entrevistas seriam gravadas.

No primeiro depoimento, a entrevistada escalada para o primeiro período teve um longo atraso, o que fez com que o cronograma desandasse logo no início da produção. Percebemos que, para a montagem e desmontagem dos equipamentos, necessitávamos praticamente do mesmo tempo que levávamos na gravação do conteúdo, prejudicando ainda mais o plano inicial. Apesar de a entrevista com a personagem em questão não render tanto quanto esperado, tivemos a sorte de encontrar um novo entrevistado que, apesar de ter muito a contribuir, nos disse que não gostaria de ter sua imagem divulgada. Respeitamos o pedido e apenas a captação de sua voz foi efetuada, o que resultou em problemas posteriores.

Foi constatada a necessidade de um segundo dia de captação, que implicaria em mais um dia de logística entre cidades. Seis pessoas de nossa equipe (composta por sete)

são residentes de Bauru, cidade vizinha a Arealva, onde o filme foi gravado. Dentre as seis, apenas uma é motorista — eu. Para a viagem à cidade vizinha, cinco integrantes dividiram o único carro disponível, enquanto o sexto teve que viajar de ônibus. Já dentro da cidade, tivemos que ir até cada um dos entrevistados, pois seus depoimentos seriam capturados em suas próprias residências, e novamente, a equipe se dividiria. Se por um lado a cidade era pequena e os locais planejados eram próximos, por outro havia a necessidade da caminhada de um ponto a outro.

Com o cancelamento do segundo depoimento, passamos ao terceiro entrevistado, para o qual já estávamos atrasados. Ao chegar no local — que não conhecíamos até então —, nos deparamos com um espaço extremamente limitado, o que dificultou a confecção dos enquadramentos, posição do equipamento de iluminação e até mesmo dos responsáveis pela captação do som. Utilizamos duas câmeras para filmar diferentes detalhes, o que nos ajudou a lidar com elementos indesejados do cenário.

A terceira entrevista ficou para o dia seguinte. Assim que chegamos até o entrevistado, descobrimos que os equipamentos não haviam sido carregados, e suas baterias estavam acabando. Com um tempo menos apertado, já que essa era a última entrevista a gravar, carregamos os equipamentos antes de iniciar, para não correr o risco da falta de energia durante a gravação. Apesar de termos um dia mais tranquilo de trabalho, tivemos resultados inesperados, graças a um erro de enquadramento que quase comprometeu toda a imagem captada. Fizemos imagens de cobertura que seriam necessárias durante a montagem e assim encerramos a fase de captação. Na fase de montagem do conteúdo, foi criado o roteiro de montagem, que ditaria boa parte da proposta artística e do tom geral da narrativa. Emitimos as transcrições de cada um dos relatos, através das quais, selecionamos as falas mais relevantes para atender os blocos temáticos previstos no roteiro e montamos a cronologia dos conteúdos.

Nessa etapa, o problema da entrevista extra finalmente apareceu. Como o personagem não queria ter sua imagem gravada, nasceu a necessidade de imagens de cobertura suficientes para preencher todas as suas participações, sendo que esses recursos eram limitados, pois contávamos com fotos e materiais de arquivo que não nos foram fornecidos conforme o combinado. Foi necessário o retorno ao local em um terceiro dia, para a captação de mais imagens, com as quais fizemos um “fala-povo” no bloco inicial. Também gravamos uma faixa de voice-overs para complementar a introdução da temática, contribuindo também ao tom decidido.

Durante os processos de pós-produção, outros problemas tiveram de ser resolvidos, como a correção de cor. Como duas câmeras foram utilizadas, era possível ver a diferença entre as filmagens, por isso foi necessário buscar a unidade entre a estética de ambas. Além disso, algumas das faixas tiveram ruídos e problemas de captação, sendo tratadas

por meio de softwares que contavam com a ajuda de IAs para a correção. Depois desses processos, o documentário estava pronto para uma primeira apresentação aos professores.

Figura 1 - frame do documentário Cinebar



Fonte: autores

### 3 ANÁLISE

Cinebar é um documentário em formato curta-metragem, produzido em contexto universitário no ano de 2024. O documentário é um tipo de filme que faz asserções a partir do mundo fatídico, construindo seu discurso sobre um recorte do real em afirmações, sem provocar a imaginação supositiva (Carroll, 2005), isto é, sem incitar o público a fantasiar hipóteses acerca da trama, como faz a ficção (Baggio, 2022; Ramos, 2008). A construção discursiva de Cinebar se enquadra no modo que Bill Nichols (2016) denomina como “participativo”, caracterizado pela participação assumida do documentarista no mundo documentado, principalmente através do uso de entrevistas. Ainda assim, o filme tem momentos que tocam outros modos, como o expositivo e o observativo.

A partir dos relatos individuais dos integrantes da equipe, podemos perceber uma recorrência de determinadas questões, como a falta de alinhamento acerca das funções e as dificuldades com equipamentos numa produção externa, fora da sala de aula e sem supervisão in loco. Nesse sentido, as percepções por parte dos próprios discentes com-

põem o processo de ensino-aprendizagem, havendo, a partir do curta-metragem universitário, uma autoavaliação dos aspectos positivos e das dificuldades, sem perder de vista a unanimidade da sinalização desta como a primeira produção mais complexa e robusta realizada pela classe/equipe.

Sobre as funções, consideramos importante salientar que, embora uma horizontalidade entre a equipe de alunos seja pedagógica, a dinâmica de set pressupõe um mínimo de centralização e hierarquia para funcionar sem grandes contratempos (ainda que, num set, os contratempos sejam inevitáveis). Se por um lado, os integrantes puderam experimentar a ação em diferentes tarefas, por outro, abriram-se lacunas no processo. A ausência de uma Assistência de Direção (AD) e de uma Direção de Produção bem delimitadas influenciou nos problemas criados, já que essas são funções organizadoras da rotina do set e do diálogo entre equipes. A inexistência de uma AD também impactou diretamente no plano de filmagem, organizado na Ordem do Dia, documento que prevê cena a cena, plano a plano, todo o material a ser captado.

Outra questão reiterada — relativamente comum em produções documentais — é a abertura ao acaso, que pode tanto contribuir, quanto atribular a rotina de produção. Cancelamentos, atrasos e entrevistas que não renderam o esperado foram alguns dos desafios relatados repetidamente. A pressa, às vezes imposta por questões externas numa gravação, também prejudicou a composição de alguns enquadramentos. A porosidade documental, no entanto, também trouxe proposições positivas à produção, como o tom descontraído a um documentário que lida com um tema histórico, e a resolução de problemas culminando em sequências singulares e poéticas — especificamente, o momento observacional cobrindo o depoimento de um entrevistado que autorizou a captação de sua voz, mas não a de sua imagem. Curiosamente, esse entrevistado foi indicado por outra personagem durante a produção; e embora essa demanda tenha obrigado os realizadores a pensar novas imagens, o depoimento em si demonstrou-se central ao filme.

É importante destacarmos que a proposição do documentário partiu da aluna Giovanna Jordão, então residente em Arealva, cidade fundada em 1948, localizada a 388 km de São Paulo, e, segundo o censo de 2020, com 8.613 habitantes. A aluna e sua família — que apoiou o projeto — foram a abertura entre a equipe de produção e a comunidade recortada para a realização dessa revisitação fílmica do Cinebar. Essa ponte com os entrevistados, possibilitou que a produção encontrasse personagens centrais e conseguisse depoimentos carregados de algo que é basilar a este documentário: a memória afetiva. É a partir dessas subjetividades, repletas de casos, detalhes e lembranças particulares, que a história desse cinema peculiar é recuperada, driblando inclusive a dificuldade da falta de imagens de arquivo.

Podemos concluir que o documentário Cinebar cumpre um papel junto a essa co-

munidade, resgatando e preservando memórias, documentando um pedaço da história da cidade e, principalmente, relatando a importância histórica dos cinemas como espaços socioculturais em pequenos municípios do interior (por sinal, uma realidade cada vez mais rara, uma vez que, hoje, os cinemas predominam em shoppings de grandes centros). Nesse sentido, Cinebar é um filme que se compreende como fonte histórica, como defende Marc Ferro (2010), ao mesmo tempo, em que propõe a representação de uma identidade sociocultural comunitária a partir desses dois cinemas — o próprio filme e o cinema diegético (o que virou bar). Histórias como a do Cinebar ilustram casos e casos de um país que, a despeito das homogeneizações operadas por ideias como a de identidade nacional (Ortiz, 2013) e de comunidades imaginadas (Anderson, 2008), é múltiplo, pluricultural e vivo. Cinebar propõe-se a representar uma dessas histórias, carregadas de tantas outras histórias singulares e possíveis que pululam as pequenas cidades de um país continental.

Figura 2 - frame do documentário Cinebar



Fonte: autores

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo compõe um processo de produção audiovisual universitária, e, portanto, documenta a consolidação de uma aprendizagem aplicada. Assim, tem a preocupação de

registrar a rotina de pré, produção e pós-produção de um curta-metragem documental, sem perder de vista que visa dialogar com outros estudantes ou interessados na área, contribuindo, desta forma, com futuras realizações audiovisuais. Integra, portanto, um recorte de produções científicas que pensam a realização audiovisual num contexto de ensino-aprendizagem, teoria e prática, destacando os desafios e superações de crises através de resoluções criativas. Além disso, o artigo retoma um breve diálogo com o referencial teórico do cinema documental, pensando-o pela perspectiva dessa experiência prática, ou seja, compondo uma práxis.

É importante também destacar que, além desta ter sido, até então, a maior produção da equipe, foi também a primeira experiência de exibição pública, em evento realizado para convidados nas Faculdades Integradas de Bauru. Após a exibição, em junho de 2024, os alunos debateram o curta com professores e com o público externo, captando impressões tanto daqueles que acompanharam esse desenvolvimento acadêmico, quanto de espectadores que extrapolam a área do audiovisual. Em novembro do mesmo ano, Cinebar integrou a programação da Semana de Direitos Humanos da FIB, completando uma intersecção entre disciplinas, Projeto Integrador e Programa de Extensão.

Este artigo não encerra a vida cultural do documentário Cinebar; pelo contrário, coloca-se rente à sua realização, refletindo um passado próximo de processos dessa produção audiovisual, mas vislumbrando o presente e o futuro do filme ao pensar sua relevância no tratamento de temas sociais como cultura, memória e lazer.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict R. O'G. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

BAGGIO, Eduardo. *Documentário - filmes para uma sala de cinema com janelas*. Curitiba: A Quadro, 2022.

CARROLL, Noël. *Ficção, não-ficção e o cinema da asserção pressuposta: uma análise conceitual*. In: RAMOS, Fernão Pessoa. (Org.). *Teoria contemporânea do cinema (Volume II)*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Tradução de Flavia Nascimento. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2010.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2016.

ORTIZ, Renato. *Imagens do Brasil*. Sociedade e Estado, v. 28, p. 609-633, 2013.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal...o que é mesmo documentário?*. São Paulo, SP: SENAC São Paulo, 2008.